



<https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7462>

### **Aqaltune: gerando força e resistência**

### **Aqaltune: generating strength and resistance**

Lívia Ellen Oliveira Rodrigues<sup>1</sup>

Concísia Lopes dos Santos<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0928-1270>

**RESUMO:** O livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, da poeta, escritora e cordelista cearense Jarid Arraes, conta a biografia de protagonistas femininas e reais, em forma de cordéis, publicado pela primeira vez em 2017, mostrando a força e a coragem dessas mulheres que são parte da história do nosso país. Uma delas é Aqaltune, uma princesa Africana, que liderava exércitos em um dos reinos do Congo, em meio à guerra entre os povos daquela região, mas que acabou sendo capturada em seu país e vendida como escrava reprodutora, no século XVI. Chegando ao Brasil, ela foi vítima de diversos abusos, mãe de muitos filhos que não pode sequer amamentar, contudo, não era apenas uma mulher que gestava, mas uma guerreira que gerava coragem e força. Dessa forma, conseguiu organizar uma fuga para um dos quilombos, mesmo estando grávida e em um estado já avançado da gestação. Chegando lá, foi reconhecida como a Princesa que era, se tornando uma importante líder dentro do quilombo, suas contribuições abriram portas para o movimento de luta dos escravos pela liberdade que fora tomada deles. Dentro desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar esse novo lugar de se ler uma biografia, gênero literário não ficcional, comumente narrado em prosa, em terceira pessoa, por um narrador que não participa dos fatos que conta. Trazemos o foco para Aqaltune, um símbolo de luta contra os inúmeros preconceitos que atravessam as mulheres, sobretudo, as pretas.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2141539091424995>. E-mail: [livia20230046527@alu.uern.br](mailto:livia20230046527@alu.uern.br)

<sup>2</sup> Professora de Teoria da Literatura do Departamento de Letras Estrangeiras no Campus Avançado de Pau dos Ferros, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, do Programa de Pós-graduação em Letras e colaboradora no Programa de Mestrado Profissional em Letras/Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0554450524672928>. E-mail: [concisialopes@uern.br](mailto:concisialopes@uern.br)

**Palavras-chave:** Aqualtune; Jarid Arraes

**ABSTRACT:** The book, *Heroínas Negras Brasileiras, 15 cordets*, by the poet, and cordelista Searense Jarid Arraes, tells the biography of female and royal in the of cordets, published for first time in 2017, showing the strength and courage of these women who are part of the history of our country. One of is the Aqualtune an African who led an army in one of the kingdoms of the Congo, in the of the war between the peoples of that region, but who ended up being captured in her country and sold as a slave the reproducer in the 16th century. Arriving in Brazil, she was victim of several abuses, but of many children who could even feed themselves, however, was only a woman who gestated, but a warrior who generated courage and strength. In this way, managed to a escape for one the Quilombos, despite being pregnant in a state of advanced gestation. Arriving there, was recognized as a princess who was, becoming an important leader within the Quilombos. Her contributions opened doors to the slave struggle for freedom anthat were taken from them. this context, present work has the objective to this new place, this new literary and non-fiction as not even narrated in prose in third person by a narrator who does participate in the facts that count, bringing the focus to the Aqualtune, a symbol of struggle against the innumerable prejudices that cross women, especially black.

**Keywords:** Aqualtune; Jarid Arraes.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O foco da história no Brasil, durante muito tempo, centrou-se em abordar as figuras masculinas e brancas, invisibilizando inúmeras mulheres, principalmente as pretas, que desempenharam um papel importantíssimo sendo símbolo de luta e resistência, contudo, poucas dessas verdadeiras heroínas estão descritas ou tão pouco são estudadas nos livros de história.

Esse movimento de apagamento é resultado de uma sociedade racista, patriarcal que sempre viu as mulheres como uma parte menor e quando se trata das pretas, o desprezo é ainda maior. Por outro lado, a literatura, sobretudo a contemporânea, tem buscado resgatar essas histórias com protagonismo feminino, alcançando principalmente o público mais jovem, com narrativas que quebram os estigmas e tentam devolver a essas mulheres o seu lugar que sempre esteve como alvo de marginalização.

Dentre essas obras está o livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, da poeta, escritora e cordelista cearense Jarid Arraes, que conta a biografia de protagonistas femininas negras que viveram em diferentes momentos históricos no Brasil, fazendo isso em forma de cordéis. Uma delas é Aqualtune, uma princesa africana que liderava exércitos em um dos reinos do Congo e, durante uma guerra, foi vendida como escrava reprodutora pelo tráfico escravagista em meados do século XVI. Desembarcando no Brasil, sofreu diversos tipos de abuso, foi mãe de muitos filhos que não pode sequer amamentar, com tudo isso, não era apenas uma mulher que gestava, mas uma guerreira que gerava coragem e força, mesmo em meio ao sofrimento e dor. Organizou uma fuga para um dos quilombos da região que habitava,

pois embora tivessem comprado seu corpo, jamais teriam a sua alma. Em sua trajetória, ela resistiu no *front* contra a escravidão, se tornando uma representação de força feminina no contexto de luta contra a prática escravocrata.

Adotando a linguagem da literatura de cordel para contar a história de Aqualtune, Arraes gera uma quebra na expectativa de como uma biografia é escrita: geralmente no estilo de prosa e em terceira pessoa. Trazendo esse estilo mais popular e lírico que caracteriza a literatura de cordel, que por sua vez, tem a capacidade de dialogar com diversos grupos, sendo mais fácil de compreender, a disseminação se torna maior nas inúmeras esferas da sociedade.

O presente artigo tem como objetivo analisar esse novo lugar de se ler uma biografia, gênero literário não ficcional, comumente narrado em prosa, em terceira pessoa, por um narrador que não participa dos fatos que conta. Trazemos o foco para Aqualtune, um símbolo de luta contra os inúmeros preconceitos que atravessam as mulheres, sobretudo, as pretas. Abordaremos sua história a partir da discussão do racismo estrutural, da invisibilidade da mulher, particularmente a mulher negra, na sociedade, como também, mostraremos o outro lado que nem sempre é contado, aquele que fala sobre a força, coragem, resiliência, capacidade e força femininas. Ao trazer essa personagem para as crianças e adolescentes, visamos quebrar os paradigmas sociais preconceituosos, mostrando a diversidade e riqueza dos povos pretos, especialmente de suas mulheres.

Quanto à sua abordagem, trata-se de um estudo qualitativo, cujo objetivo central é conhecer, entender e explicar a história de vida de Aqualtune, considerando seus feitos em vida. Quanto à natureza, trata-se de um estudo de pesquisa básica, neste primeiro momento, gerando novos conhecimentos para o avanço das discussões sobre a participação feminina negra na história do Brasil. Quanto aos objetivos, trata-se de um estudo exploratório, a fim de proporcionar uma melhor familiaridade com a história de vida de Aqualtune, a partir de levantamentos bibliográficos e análise da biografia em cordel produzida por Jarid Arraes. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, produzida a partir de material já produzido, como livros, revistas e artigos científicos. Trata-se, por fim, de um estudo que busca levar para discussão uma obra de caráter feminista, capaz de colocar a discussão da temática entre crianças de idades entre 10 e 12 anos de idade, tornando-as capazes de desenvolver sua própria opinião acerca da construção de relações de direitos entre homens e mulheres na sociedade em que vivem, especialmente no momento atual, tão perigoso para as mulheres de todas as idades.

## 2 QUEM FOI AQUALTUNE?

O gênero textual biografia tipifica-se por apresentar a narrativa em forma de prosa, com o narrador em terceira pessoa e que não participa dos fatos que conta. Ele foca em abordar eventos, fatos e momentos importantes da vida do biografado, diferente de uma obra literária fictícia, esse gênero aborda uma história real, é um trabalho que vai além de criar, é preciso pesquisar, documentar, investigar até que se monte o itinerário da pessoa escolhida.

A cronologia usada nesse tipo de narrativa é temporal, apresentando fatos da infância, adolescência e vida adulta do indivíduo. Para comprovar a veracidade desses dados, pode-se fazer o uso de documentos, fotos ou entrevistas. O autor, deve contar os fatos de forma imparcial, contudo, é possível que existam subjetividades, afinal cada texto carrega consigo as marcas ideológicas do seu autor.

A biografia se divide em alguns formatos, sendo eles: autorizada, quando a publicação é feita com a permissão do biografado ou seus familiares; a não autorizada, quando a publicação acontece sem o aval familiar ou da própria pessoa que está sendo biografada, esse caso pode gerar problemáticas de cunho ético e legal; a tradicional, quando se faz toda uma pesquisa sobre a vida de determinada pessoa e o autor organiza esses fatos de modo biográfico, temos também, a autobiografia, que como bem sugere o nome, se caracteriza pelo próprio indivíduo escrevendo sobre si e sua história.

O formato tradicional se faz muito valioso para levantamentos históricos, porém, essa linguagem nem sempre consegue ser entendida por públicos mais jovens. Nesse contexto, outros modelos como a literatura de cordel, trazem um olhar diferente ao enredo, utilizando-se de elementos como a oralidade, o lirismo, que conectam e prendem o leitor.

A literatura de cordel, por outro lado, é vista como a poesia popular nordestina. Tem sua origem na tradição ibérica, chegando ao Brasil pelos colonizadores Portugueses, no século XIX, e concentrando sua força na região do nordeste, onde a literatura encontrou as vozes dos sertanejos que faziam repentes e cantorias. A sua raiz é a oralidade que, por sua vez, aproxima quem está escutando. Tem uma linguagem simples, cotidiana e até mesmo regional.

Seu tom poético se dá pela estrutura do texto, geralmente escritos com uma métrica bem-organizada, como estrofes escritas em seis versos (sextilhas) ou as que tem dez versos (as décimas). Outro importante ponto é a rima, que segue uma constância, gerando uma fluidez ao texto, como também uma certa musicalidade. Os temas que norteiam as obras dessa literatura podem ser diversos, desde histórias de amor, lendas e contos, a críticas sociais.

O formato de sua impressão também muda, sendo impresso como um folheto na maior parte do Brasil. O cordel é considerado um patrimônio imaterial brasileiro, pois essa literatura tem uma importância única na preservação da cultura nordestina. No âmbito da linguagem, as obras levam a representatividade do “falar nordestino” o que é essencial na luta contra xenofobia que é tão presente em outras regiões Brasileiras em relação ao Nordeste.

Conforme Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, professores pesquisadores brasileiros, em seu livro *O cordel no cotidiano escolar* (2012), o cordel foi ocupando diferentes espaços ao longo do tempo:

Em sua história, os folhetos não se destinavam a nenhum tipo de público em especial. Isto é, não havia cordel para mulheres, para crianças, para adolescentes. Aventuras e histórias fantásticas agradam crianças e jovens em qualquer época e fazem parte de todos os gêneros literários (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 49).

É nesse espaço que surge a obra de Jarid Arraes, ocupando um lugar que vem sendo cada vez maior para o cordel, inclusive trazendo novos formatos de impressão.

Segundo Mark Curran, o cordel funciona como crônica poética do povo nordestino e história nacional, relatada a partir de uma perspectiva popular. Os poetas retransmitem as notícias em linguagem popular, utilizando aspectos da experiência e visão de mundo dos leitores (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 106).

Os cordelistas reconhecidos são em sua grande maioria homens, como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, para ficar entre os pioneiros do gênero no Brasil, enquanto cordelistas mulheres representam parte dessa luta por equidade entre os gêneros. Um exemplo dessa representação é a autora que estamos trabalhando. Jarid Arraes é uma escritora cearense, que em seu livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* coloca no centro da mesa mulheres negras que por tanto tempo foram deixadas invisibilizadas na História do Brasil.

O trabalho dessa mulher sempre me fascinou. Das postagens aos cordéis, nada que sai da mente de Jarid é raso, e sim profundo de razão e sentimento. Eis a marca de sua identidade própria, de sua originalidade, mas também de uma rica tradição, de uma memória coletiva da família, do Cariri, que se traduziu na escritura dessa mulher negra.

E essa mulher negra se engajou para versejar outras, relegadas ao silêncio, à invisibilidade. Corajosamente, Jarid decidiu enfrentar o racismo e o machismo com prosa e verso. E é de sua poesia que ora falamos nesta publicação (Jesus apud Arraes, 2020, p. 10).

Nascida em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, no dia 12 de fevereiro de 1991, Jarid Arraes é uma escritora, cordelista e poeta, autora de obras que já contam com traduções em inglês, espanhol, francês e italiano. Dentre suas obras podemos destacar as seguintes: *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2017), *Um buraco com meu nome* (2018), *Redemoinho em dia quente* (2019), *Corpo desfeito* (2022), *Cordéis para Crianças Incríveis* (2024), *Um Caminho para o Grito* (2025). Seus livros têm sido de suma importância, pois abordam temas sensíveis e muito necessários como as lutas antirracista e feminista e a valorização dos povos negros.

Algumas de suas obras ganharam maior notoriedade, como *Redemoinho em dia quente* (2019), que rendeu à autora premiações, sendo elas o Prêmio Literário Biblioteca Nacional<sup>3</sup>, na categoria contos, e a associação Paulista de críticos de arte também premiou Jarid Arraes pelo mesmo livro. Através de seus livros, Arraes tem dado voz a muitas mulheres, principalmente às negras, em suas narrativas. O protagonismo feminino é sempre presente. Como uma autora contemporânea, ela consegue dialogar com o público mais jovem, o que por sua vez é um fator contribuinte para levar a luta contra os preconceitos e estigmas que as mulheres sofrem em diversas esferas da sociedade.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 88) destacam a força das questões sociais tratadas nos cordéis:

A literatura de cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de

---

<sup>3</sup> O Prêmio Literário Biblioteca Nacional é uma premiação anual que reconhece a qualidade intelectual e estética da produção editorial brasileira, abrangendo diversas categorias como conto, romance, poesia, ensaio, ilustração e tradução. Desde 1994, a Fundação Biblioteca Nacional organiza este prêmio, que se destaca por ser um dos mais conceituados e democráticos do país, com inscrições gratuitas e premiação igualitária para todas as categorias.

injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade. Seriam muitos os exemplos desta faceta da literatura de cordel.

A obra que usamos como base para o presente artigo é uma série de biografias de mulheres negras, escritas em forma de cordel.

Dentre a multidão de heroínas negras que lutaram nestas terras tupiniquins, anônimas ou um pouco mais conhecidas, a autora aqui compilou quinze delas, cujos nomes faço questão de repetir, com destaque:

Antonieta de Barros, Aqaltune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria de Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Quão fascinante. Quão belo. Quão empoderador é ler e ouvir os nomes dessas heroínas negras brasileiras! Com este belíssimo livro, Jarid Arraes contribui, de maneira extraordinária, para que resgatemos nossa memória: como mulheres negras, como pessoas negras, como brasileiras e brasileiros! (Jesus apud Arraes, 2020, p. 10-11).

Focamos este estudo em Aqaltune, uma personagem real com uma história de luta e resistência, sua biografia começa assim nos versos de Arraes:

Como filha de um rei  
Aqaltune era princesa  
Era no reino do Congo  
Da mais alta realeza  
E na tradição que tinha  
Encontrava fortaleza.

Lá no Congo era feliz  
De raiz no ancestral  
Mas havia outros reinos  
Dos quais Congo era rival  
E por isso houve guerra  
Com desfecho vendaval  
(Arraes, 2020, p. 27).

A vida dessa Mulher foi marcada por muitas lutas, desde quando vivia no Congo como princesa, vivenciando uma guerra na qual ela teve um papel fundamental, pois liderou um dos exércitos, mas em meio ao caos dos conflitos, terminou sendo capturada e vendida como escrava, acabou em um navio Negreiro, desembarcando no Brasil, no litoral de Recife, onde novamente foi vendida, dessa vez, como escrava reprodutora. A autora descreve a angústia desse momento:

Foi vendida como escrava  
Chamada reprodutora  
Imagine o pesadelo  
Que função mais redutora

Pois seria estuprada  
De escravos genitora  
(Arraes, 2020, p. 28).

Arrancada de sua terra, de seu povo e de sua cultura, Aqualtune foi violentada no corpo e na mente, tendo que gerar vidas e mais vidas, sem poder escolher se queria gestar ou não. Ela era para os colonizadores apenas um objeto reprodutor. Contudo, a jornada dessa mulher não acaba nas páginas de sofrimento, ela era uma princesa, forte e guerreira, não deixaria que sua vida fosse definida por um momento.

Aqualtune lutou organizando uma fuga para um dos quilombos, mesmo estando grávida e em estado avançado da gestação, tomou a frente da luta pela liberdade de tantos negros vítimas da escravidão.

A gravidez já avançada  
Não causou impedimento  
Aqualtune foi com tudo  
Formando esse movimento  
Agarrando a esperança  
E com muito entendimento.

Junto com outras pessoas  
Negras de muita coragem  
Aqualtune fez a fuga  
Mesmo com toda voragem  
Foi parar em um quilombo  
E falou de sua linhagem  
(Arraes, 2020, p. 30).

A autora, ao trazer a força e resistência dessa mulher, consegue quebrar a ideia de que os heróis são apenas os homens brancos. Nesse livro, o protagonismo é todo feminino, como Aqualtune, essa mulher negra, que nos mostra toda a sua garra. Chegando ao Quilombo, ela foi reconhecida como princesa e se tornou uma líder, abrindo portas para a luta contra o sistema escravocrata.

Chegando a Palmares, e sendo reconhecida como uma grande princesa guerreira, provavelmente por chefes da mesma etnia que a sua, recebeu um mocambo, um dos territórios quilombolas para governar. Assim como ela, seus filhos Ganga Zumba e Ganga Zona tornaram-se chefes de mocambos importantes do quilombo. Sua filha mais velha, Sabina, deu-lhe o neto que suplantaria a história da avó e seria mais conhecido que ela: Zumbi.

Em 4 de outubro de 1677, a aldeia em que Aqualtune, já idosa, morava foi queimada por uma das expedições enviadas contra Palmares. Os portugueses alegaram não tê-la encontrado, mas acharam uma das mulheres que cuidavam dela morta. Segundo algumas tradições apontam, ela teria partido para junto do rei de Palmares, Ganga Zumba; segundo outras, ela teria perecido no incêndio. Aqui fica clara uma questão importante. A mulher, mesmo negra, com destaque na sociedade de origem, que conseguiu resgatar de certa forma seu posto e seu papel em outra localidade como uma matriarca guerreira, acabou tendo sua imagem eclipsada (Rezzutti, 2018, p. 49-50).

Essa informação evidencia o apagamento de mulheres na história do Brasil, especialmente as mulheres negras.

Entre os principais personagens da história do Brasil que ocupam as páginas dos folhetos, estão Antônio Conselheiro, Luís Carlos Prestes, padre Cícero, Antônio Silvino e Lampião, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, frei Damião e Tancredo Neves. Os heróis nacionais, assim como os heróis dos romances, têm a sua vida e morte detalhadas e, mesmo depois de mortos, recebem julgamento e terminam no céu ou no inferno (Marinho; Pinheiro, 2020, p. 106).

Considerando a afirmação desses pesquisadores, observamos que apenas homens costumam ter suas histórias contadas em versos, destacando seus feitos, deixando de ser figuras da história do Brasil para ser colocados no lugar de heróis, capazes de realizar inúmeros feitos heroicos, de acordo com as informações que circularam sobre eles pela transmissão oral no país.

Diferentemente vem a produção de Jarid Arraes. Sua obra, aqui em análise, vem destacar mulheres, particularmente negras, que também lutaram pelos seus direitos e de outras mulheres, que buscaram respeito e dignidade, mas que foram esquecidas, apagadas, invisibilizadas em suas façanhas tão heroicas quanto as dos homens que já têm seu lugar garantido na história e na literatura brasileira desde sempre, apenas pelo fato de ser homens.

Uma figura como Aqaltune deveria estar nas capas das revistas, nos livros de história, nas pesquisas, como essa, mas existe todo um movimento que tenta apagar essas mulheres, enquanto, do outro lado, estão pessoas como a Jarid Arraes, que dedicam estudos, pesquisas e obras para devolver a elas o seu lugar de destaque, que fora conquistado em sua grande maioria, com o sangue, mas que por muito tempo, ficaram esquecidas da história.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 106) destacam:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação de não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção.

É bem verdade que já avançamos muito, mas é preciso ir além, levar essas histórias para as salas de aula, para que todos, principalmente as meninas, em especial, as que são negras, vejam que existe heroísmo, força, luta e protagonismo feminino, que elas não precisam buscar suas princesas nos livros de fantasia, pois, na realidade, existem diversas delas, que elas sintam-se representadas e acima de tudo, inspiradas para lutar, assim como ficou a autora, a conhecer a história de Aqaltune.

Quando penso em Aqaltune  
Sinto esse encorajamento  
A vontade de enfrentar  
De mudar neste momento  
Tudo aquilo que é racismo  
E plantar conhecimento  
(Arraes, 2020, p. 32).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer esse tipo de literatura para crianças e adolescentes visamos quebrar os estigmas que cercam as mulheres, sobretudo as negras, abordando essas figuras como protagonistas, diferentemente do grande escopo de obras, que as colocam em um lugar de coadjuvantes.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa iniciada no ano de 2024 e que ainda se encontra em processo de elaboração. Ainda não foram contemplados todos os objetivos da proposta, que se mostrou desafiadora à medida que começou a ser desenvolvida, mais do que se visualizou quando foi inicialmente proposta.

Aqaltune é apenas uma das grandes mulheres que brilham nessa obra poética de Jarid Arraes e que merece ser ainda mais conhecida e apresentada em pesquisas e nas salas de aula. Por hora, ficamos por aqui.

#### **Agência de fomento:**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

### REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. Ilustrações Gabriela Pires. São Paulo: Seguinte, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Prefácio: Resgatar nossa memória. In: ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. Ilustrações Gabriela Pires. São Paulo: Seguinte, 2020.

MARINHO, Ana Cristina.; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil**: a história não contada. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

---

**Recebido:** 05/09/2025

**Aceito:** 21/01/2026

**Publicado:** 02/05/2026

#### **COMO CITAR:**

RODRIGUES, Livia Ellen Oliveira; SANTOS, Concísia Lopes dos. Aqaltune: gerando força e resistência. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 114–122, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7462. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7462>.